

## PRODUÇÃO DE GRÃOS – FEIJÃO, MILHO E SOJA

**JACKSON DANTAS COÊLHO**

Economista. Mestre em Economia Rural  
jacksondantas@bnb.gov.br

### INTRODUÇÃO

O Relatório de Inflação do Bacen (junho/2019), indica interrupção do processo de recuperação da economia brasileira nos últimos trimestres. O Produto Interno Bruto (PIB) recuou no primeiro trimestre de 2019 em relação ao quarto trimestre do ano anterior (dados com ajuste sazonal), interrompendo sequência de oito trimestres sem quedas. No âmbito da oferta, a previsão para a variação anual do produto da agropecuária (1,1%) permaneceu praticamente estável desde o Relatório de Inflação anterior (1,0%), contrastando com reduções nas previsões de crescimento para os demais setores. Ademais, as oscilações recentes nos mercados internacionais derivam do aumento de incertezas em relação à atividade global, às tensões comerciais entre Estados Unidos e China e às perspectivas quanto aos próximos passos para a política monetária, principalmente nos Estados Unidos e Zona do Euro.

Neste contexto, a presente análise setorial visa, de forma sucinta, situar a conjuntura de produção, de mercado e tendências dos segmentos de feijão, milho e soja, principais grãos da economia Nordestina.

### FEIJÃO

O feijão é uma importante fonte de energia, com baixo teor de gordura e ingrediente indispensável na cozinha brasileira e nordestina. É comum na dieta das populações de baixa renda, notadamente a rural, quando o preço assim permite e de produção predominantemente familiar.

### Cadeia produtiva

Os maiores produtores mundiais de feijão, em ordem, são Myanmar, Índia, Brasil, Estados Unidos, México e Tanzânia, responsáveis por 57% do total produzido no mundo, ou 15,3 milhões de toneladas (FAOSTAT, 2019). Mas o consumo é pequeno nos países mais desenvolvidos e o fato peculiar dos grandes produtores mundiais serem também os maiores consumidores gera poucos excedentes exportáveis, limita o conhecimento do mercado e, consequentemente, o comércio internacional do produto (CONAB, 2017).

Complementa-se que a CONAB estima em 3,07 milhões de toneladas a produção da atual safra (2018/2019), redução de 1,5% em relação à anterior, que foi de 3,116

#### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

**Expediente:** Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente), Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

**Contato:** Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Sílas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

milhões, numa área total estimada de 2,98 milhões de hectares (-6%). A região Sul continua sendo a maior produtora regional, com previsão de 850,8 mil toneladas (+3,5%), seguida pela Sudeste (749,7 mil t, -4,3%), que superou a do Centro-Oeste, 713,4 mil toneladas (-9,9%) e Nordeste, 668,4 mil toneladas (+4,3%), sendo também a segunda maior produção nordestina nos últimos dez anos, e poderia ser maior se tivesse maior produtividade, já que possui a maior área regional (1,54 milhão de hectares).

O Nordeste, historicamente, tem área com feijão maior que a soma das áreas de Sul, Sudeste e Centro-Oeste (1,54 milhão de hectares contra 1,14 milhão, na última previsão), no entanto, a produtividade (434 kg/ha) é de apenas 26% destas, que têm índices de 1.600 kg/ha. a 1.800 kg/ha (CONAB, 2019a).

O maior produtor estadual é o Paraná, com previsão de 650 mil toneladas, seguido por Minas (532 mil toneladas), Mato Grosso (328 mil toneladas), Goiás (307,6 mil toneladas) e Bahia (247 mil toneladas), o maior produtor nordestino. A produção paranaense representa 97% da nordestina. Ao longo da década, a produção brasileira se reduziu em 6,2%, elevando-se apenas na região Centro-Oeste (60%). Entre os estados, elevou-se no Mato Grosso (191%) e Goiás (27%), partindo de uma base representativa e em seis estados do Nordeste, com menor produção. Houve quebras acentuadas, em relação ao ano anterior, em 2011/2012 e em 2015/2016, da ordem de 70% e 47% para o Nordeste e de 22% para o Brasil, que coincidem com dois anos críticos em termos de estiagem no Nordeste, e também de baixa na produção de Sudeste e Centro-Oeste (CONAB, 2019a).

**Tabela 1 – Produção de feijão no Brasil, por regiões e estados selecionados**

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (¹)
NORTE	81,9	141,7	124,0	104,7	77,5	71,4	77,1	130,6	78,3	88,4
NORDESTE	698,1	961,1	289,3	425,3	674,1	644,0	338,4	679,1	641,0	668,4
Maranhão	28,0	51,1	27,4	41,4	46,1	49,0	39,3	56,7	58,2	22,4
Piauí	34,1	85,0	36,5	26,2	66,0	77,2	31,0	70,3	93,5	90,5
Ceará	84,5	259,6	32,9	66,2	132,5	87,0	58,4	118,8	117,9	108,5
Rio Grande do Norte	8,0	33,7	1,9	3,5	11,2	5,4	6,4	12,4	17,2	28,8
Paraíba	3,7	44,7	2,9	19,3	21,3	9,7	12,4	28,4	46,9	47,7
Pernambuco	88,5	161,5	33,8	46,3	87,4	84,1	43,5	58,0	104,1	102,9
Alagoas	33,8	31,5	16,6	15,3	21,5	24,4	8,2	20,8	14,6	16,0
Sergipe	27,1	31,1	19,7	17,9	23,5	11,0	1,7	13,2	1,1	4,4
Bahia	390,4	262,9	117,6	189,2	264,6	296,2	137,5	300,5	187,5	247,2
CENTRO-OESTE	493,2	575,8	603,0	582,7	872,9	838,1	558,8	836,5	791,4	713,4
Mato Grosso	120,9	234,8	224,4	294,5	535,0	533,1	234,0	414,0	351,3	328,2
Goiás	288,8	260,1	308,1	236,1	263,4	241,7	284,4	343,0	367,7	307,6
SUDESTE	972,1	948,5	1.012,8	815,8	773,2	706,7	710,1	810,6	783,0	749,7
Minas Gerais	623,7	582,3	663,7	564,8	574,9	512,4	520,0	535,0	513,6	532,1
São Paulo	318,6	348,0	330,9	235,6	183,6	179,2	177,3	261,9	254,4	201,7
SUL	1.077,2	1.105,6	889,3	877,8	1.056,0	950,0	828,5	942,7	822,4	850,8
Paraná	794,2	821,2	677,9	658,4	808,9	720,2	588,6	710,5	587,4	649,8
Santa Catarina	167,7	160,5	117,3	124,7	144,2	139,1	118,0	136,7	127,4	106,0
Rio Grande do Sul	115,3	123,9	94,1	94,7	102,9	90,7	122,0	95,5	107,6	95,0
NORTE/NORDESTE	780,0	1.102,8	413,3	530,0	751,6	715,4	415,5	809,7	719,4	756,8
CENTRO/SUL	2.542,5	2.629,9	2.505,1	2.276,3	2.702,1	2.494,8	2.097,4	2.589,8	2.396,8	2.313,9
BRASIL	3.322,5	3.732,8	2.918,4	2.806,3	3.453,7	3.210,2	2.512,9	3.399,5	3.116,1	3.070,7

Fonte: CONAB (2019b).

Nota: (¹) Previsão, em junho de 2019.

Segundo informações do penúltimo censo agropecuário do IBGE (2006), a produção de feijão é principalmente familiar, com 82% do total do feijão produzido no Nordeste e 70% do produzido no Brasil<sup>1</sup>. Tal modo de produção gera baixo emprego de tecnologia e de profissionalização

do agricultor tradicional: 84% dos produtores utilizam sementes caseiras, o que degenera as variedades plantadas e que facilita contaminação por patógenos e danos mecânicos (CONAB, 2017). O produtor familiar de feijão geralmente é descapitalizado e produz em consórcio com outras culturas. A baixa produtividade vem da ausência de calagem e/ou erosão do solo, da adubação desequilibrada, do uso de semente de origem desconhecida e do manejo inadequado de pragas e doenças, decorrentes de

1 O Censo Agropecuário 2017 está sendo realizado e o IBGE disponibiliza apenas dados preliminares, não estando ainda colocados os cruzamentos da produção com sua origem.

uma assistência técnica deficitária.

O perfil de produção da agricultura familiar está diretamente relacionado ao clima, sem sofrer influência direta de conjunturas macroeconômicas e de flutuação de preços, mas podendo ser afetada pela interferência do Governo. A abertura comercial dos anos 1990 às importações exigiu dos produtores (agricultores e pecuaristas) maior profissionalização, pois a competitividade requer escala, demanda tecnologia. Com a produção local influenciada diretamente pela sazonalidade, torna-se difícil a competição com o produto importado, que deprime preços e reduz a margem dos produtores locais. A busca da profissionalização é uma tendência entre os grandes produtores.

A comercialização do feijão se dá com a venda da safra do produtor para um intermediário, que a revende para um atacadista, que a empacota e vende ao supermercado. Como o feijão é altamente perecível, a estocagem exige grande controle. Geralmente, o feijão é estocado em silos e armazéns destinados a outras culturas, por no máximo dois meses, necessitando aplicação de produtos para evitar a ação de insetos. A logística de transporte é influenciada pelo gosto do consumidor e pelas diversas safras, que ocorrem em épocas distintas, em diferentes regiões (a primeira no Sul, a segunda no Nordeste e a terceira no Sudeste), exigindo intenso transporte do produto, realizado quase sempre por rodovias, o que onera o custo, até chegar aos supermercados, em pacotes, para os consumidores finais.

Um dos entraves na comercialização do feijão ainda é a concentração da produção no tipo carioca (40%). Segundo o Instituto Brasileiro do Feijão, o Brasil é o único produtor mundial e também o maior consumidor dessa variedade, que é pouco aceita internacionalmente, pela sua alta taxa de deterioração (IBRAFE, 2018a). Esse problema se agrava quando há quebra de safra, pois o produto fica escasso no mercado, já que não existe variedade alternativa. No caso de excesso de produção, não há como exportar o produto, que fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade e onerando custos de carregamento, gerando deságio na venda.

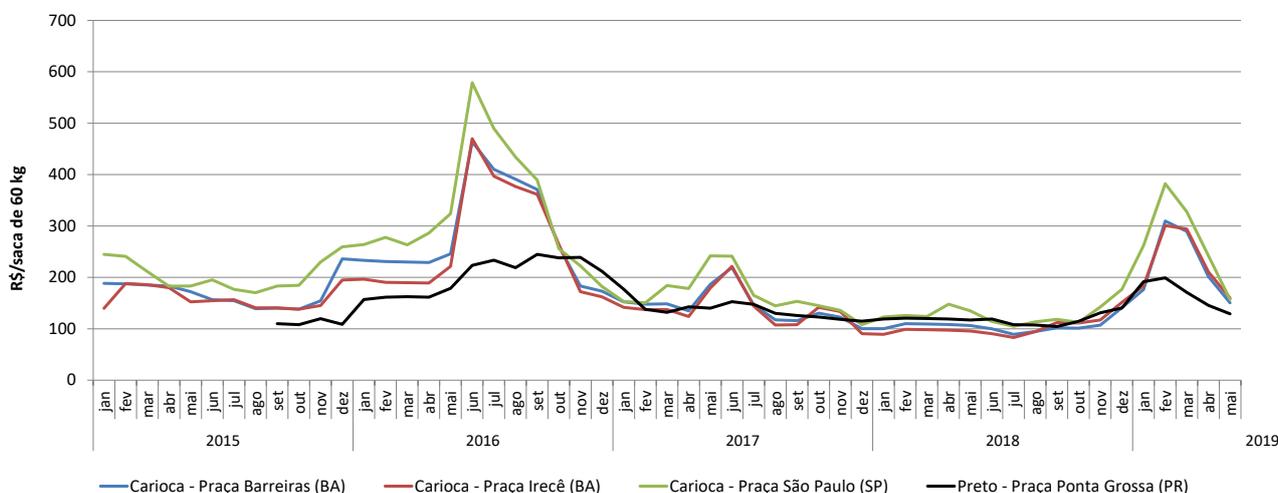
## Preços

O mercado do feijão é muito influenciado pelo tipo de grão comercializado, fatores agronômicos e sazonalidade. O preço depende do mercado interno, já que praticamente não há exportação. A existência de três safras da cultura facilita a mudança na intenção de plantio, pelo produtor, ao longo do ano, podendo influenciar preços. Uma praça importante na formação destes é o mercado atacadista de São Paulo e, no Nordeste, a de Barreiras-BA. O preço pode sofrer grandes oscilações, atribuídas basicamente a fatores climáticos.

Retrata-se a seguir o movimento dos preços do início de 2015 ao presente (**Gráfico 1**), com pouca oscilação durante 2015 e uma fase de alta de maio até outubro de 2016, em razão da quebra da safra ocorrida no País. Esta quebra teve efeitos mais negativos no Nordeste, em razão da seca severa ocorrida nesta Região, afetando as principais áreas produtoras na Bahia, em virtude do *El Niño*. A sazonalidade afeta menos o feijão preto, porque este tem seu abastecimento interno suprido majoritariamente por importações argentinas. A preferência do mercado interno por grãos mais novos e claros reduz importações de outros tipos de feijão, pelo tempo empregado no processo, que afeta a qualidade do grão.

O mercado esteve sem grandes oscilações de preços nos dois últimos anos, com tendência de baixa a partir de junho de 2017. Em 2018, os preços se elevaram, mas ainda dentro da normalidade, por conta do movimento grevista nos transportes rodoviários, ocorrido no final de maio, que impediu temporariamente o transporte do feijão das regiões produtoras para os empacotadores, e destes ao consumidor final. A tendência atual (junho/2019) é que o aumento na produção, somado à concentração da oferta de maio a junho, reduza os preços ao produtor, e tal queda deverá aos poucos ser repassada ao varejo, estimulando o consumo (CONAB, 2019c).

**Gráfico 1 – Evolução dos preços do feijão, em praças selecionadas, 2014-2018**



Fonte: CMA (2019).

## Tendências de mercado

O consumo de feijão sofre influência da sazonalidade, caindo entre dezembro e fevereiro, por conta das festas de fim de ano e das férias escolares. Geralmente, em abril, com a entrada da safra da seca na comercialização, os preços se reduzem (CONAB, 2017). Os hábitos alimentares mudaram juntamente com a rotina dos lares brasileiros, nas últimas décadas, com o consumo de grãos secos tendendo a se reduzir. A produção orgânica também tem conquistado espaço, pela maior aceitação, o que pode ser uma oportunidade para agricultores familiares, e demanda assistência técnica qualificada para capacitar os produtores, não só na produção, como na legislação acerca dos orgânicos.

Outra tendência é o desenvolvimento de produtos prontos ou semiprontos à base de feijão, reduzindo o tempo de preparo, embora o produto *in natura* seja ainda muito apreciado, principalmente pela população de renda mais baixa. Buscando a inovação em produto, a Embrapa fez pesquisas direcionadas à farinha de feijão caupi, que pode ser usada na fabricação de pães e biscoitos, e, em parceria com a Universidade Federal de Goiás, o hambúrguer de feijão, a partir do feijão carioca e do branco, rico em fibras e proteínas, que pode ser muito apreciado pelos veganos (EMBRAPA, 2018a; AGROLINK NOTÍCIAS, 2018).

Além dos novos produtos, a Embrapa e o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) também pesquisam constantemente novos cultivares, para tentar evitar a concentração da produção em um só tipo de feijão, o carioca, muito consumido no Brasil mas pouco aceito no exterior. A Embrapa tem desenvolvido novos cultivares que possam manter suas propriedades intactas por maior tempo (como Dama, Milênio, Alvorada, Estilo, Requite e ANFC9, com boa produtividade e bom caldo), outros como a BRS Esteio, BRS Esplendor (preto), BRS FC402, BRS MG Realce, BRS Estilo (carioca) e BRS MG Madrepérola (carioca), desenvolvidos para ter resistência à antracnose, ferrugem e mosaico, alguns de porte ereto, facilitando a colheita mecânica (EMBRAPA, 2018b).

O Instituto brasileiro do Feijão (Ibrafe) entende que o futuro do grão está no desenvolvimento de sistemas de rastreamento, graças à mudança do perfil do consumidor, que quer saber sua origem e suas condições de produção. O *marketing* continua sendo fundamental, sendo preciso divulgar as qualidades do feijão, fonte de proteína barata se comparada às de origem animal, consumindo menos água na sua produção e que, na famosa dobradinha com o arroz, traz muitos benefícios à saúde, em comparação aos alimentos de consumo rápido e pouco saudáveis (IBRAFE, 2018b).

## MILHO

### Caracterização

O milho (*Zea mays*) atualmente é cultivado e consumido em quase todos os continentes. É de fácil plantio e colheita, sendo conhecidas 150 espécies diferentes. É rico em vitaminas, proteínas, gorduras, amido e carboidratos. É amplamente utilizado na cozinha brasileira, particularmente na nordestina, em mingaus, cuscuz, polenta, fubá, canjica, pamonha e outros). No entanto, quem mais demanda milho é a indústria de ração animal – 52% da demanda total da safra 2017/2018 (suínos, aves, bovinos e peixes), contra 2% da demanda para o consumo humano. O processamento industrial mantém a casca do grão, rica em fibras (ao contrário do trigo e do arroz, que necessitam de refino para o consumo humano), originando uma gama de produtos como: milho em conserva, óleo, farinha, amido, margarina, xarope de glicose e flocos para cereais matinais. O milho tem ainda outras aplicações na indústria de biocombustíveis, farmacêutica e química (ABIMILHO, 2019b).

O milho tem a primeira safra, de verão, e a segunda, de inverno, chamada 'safrinha'. O plantio é zoneado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e tem alto potencial produtivo, se observada a época correta do plantio, que sofre influência da temperatura (a planta tende a ter a mesma do ambiente que a envolve), da umidade (pode ser cultivada em regiões onde as precipitações vão de 250 mm a 5.000 mm anuais, sendo geralmente uma cultura de sequeiro), do fotoperíodo (tempo de exposição da planta à luz solar) e da radiação solar (em cuja absorção o milho é uma planta muito eficiente, fixando gás carbônico pela fotossíntese). O plantio, na Região Sul, é de agosto a setembro; no Centro-Oeste e Sudeste, de outubro a novembro. No Nordeste (principalmente Bahia e Piauí), concentrado no final de novembro e durante dezembro.

### Cadeia produtiva

O Brasil é o terceiro produtor mundial de milho, depois dos Estados Unidos e China. No grupo dos seis maiores estão ainda União Europeia, Argentina e Ucrânia, concentrando 78% (872 milhões de toneladas) da produção de milho do planeta, em 2018/2019 (USDA, 2019a). A produção mundial de milho, para a atual safra (2018/2019), está estimada em 1,118 bilhão de toneladas, enquanto o consumo, em 1,132 bilhão (ambos com aumento de 3,8% em relação à safra anterior) (USDA, 2019b).

A produção nacional prevista para a atual safra é de 97 milhões de toneladas, segunda maior da série histórica da Conab, aumento expressivo de 20,2% em relação à safra anterior (ou 16,3 milhões de toneladas), numa área total de 17,3 milhões de hectares, 4,2% superior à da safra 2017/2018 (+693 mil hectares) (CONAB, 2019a).

Nas previsões para o final da safra 2018/2019, o Centro-Oeste é o maior produtor, entre as regiões, com previsão de 51 milhões de toneladas (+23,2%); o Sul deve contribuir com 24,7 milhões de ton (+28,6%), o Sudeste com 11,6 milhões (+4,6%) e o Nordeste com 6,7 milhões (+4%). Na série observada (2009-2018), há crescimento no Brasil (44%) e em quatro de cinco regiões (entre 4% e 145%), com exceção do Sul (-15,8%). Já da última safra para a atual (2018/2019), a tendência é de aumento no País (20,2%), conforme já dito, e em todas as regiões (entre 4% e 28%) (CONAB, 2019a).

O Mato Grosso do Sul é o maior estado produtor (previsão de 30,3 milhões de ton), seguido do Paraná (16,1 milhões), Goiás (9,9 milhões), Mato Grosso (10,3 milhões) e Minas Gerais (7 milhões). Os quatro primeiros estados podem aumentar a produção entre 15% e 59%, partindo de uma base representativa. Já no Nordeste, há previsão de redução na Bahia (-34%), fato que limita o aumento da produção nordestina em 4%. Outro fato de destaque no Nordeste é a previsão de aumento da produção sergipana (+416%), para 596 mil ton, colocando esse Estado na quarta posição da Região, superando o Ceará (CONAB, 2019a).

O Brasil deverá ter área de milho 4,2% maior que na safra 2018/2019 (16,6 milhões para 17,3 milhões de hectares), tendência de aumento que se repete em três das cinco regiões (Norte e Centro-Oeste, +7,5% e Sul, +6,2%).

Nas demais, a redução de área fica entre 2,7% e 4%. O mercado aposta em melhores cotações e daí o aumento da área, mesmo com o aumento da área da soja, que geralmente alcança melhores preços.

Com a produção aumentando quase cinco vezes em relação à área, a produtividade brasileira de milho deve aumentar 15,4% (de 4.857 kg/ha. para 5.605 kg/ha.), com a nordestina seguindo a tendência e subindo um pouco menos, 6,9%, em razão da queda da produtividade na Bahia (-32%), aumentando em 30% no Maranhão e no Piauí, maiores produtores regionais depois da Bahia. As maiores produtividades registradas são do Sul (6.694 kg/ha.) e Centro-Oeste (6.137 kg/ha.). O estado de maior produtividade no País é Santa Catarina, com 8.580 kg/ha. (+7,3% em relação à safra passada) (CONAB, 2019a).

O destaque do Nordeste na produção de milho está no cerrado (Maranhão, Bahia e Piauí), encampado na região do Matopiba. É responsável por 88% da produção de milho total do Nordeste e 7% da produção nacional, com sistemas de produção de alta tecnologia. Algumas microrregiões cultivam o milho em regime intensivo, como em Sergipe, com previsão de produtividade de 4.028 kg/hectare, embora não tenha área de cerrado. Tal desempenho é consequência de assistência técnica governamental eficiente e outros investimentos em infraestrutura, sendo uma atividade econômica rentável, independentemente do porte do agricultor.

**Tabela 2 – Produção de milho no Brasil, por regiões e estados selecionados**

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (¹)
NORTE	1.286,5	1.415,5	1.652,4	1.672,3	1.821,2	2.561,0	1.966,8	2.702,1	2.446,7	2.852,4
NORDESTE	4.273,6	6.128,0	4.364,0	4.859,8	7.574,5	6.243,1	3.435,4	6.681,3	6.445,8	6.705,7
Maranhão	562,1	879,7	731,6	1.309,4	1.725,9	1.469,2	874,4	1.951,9	1.884,0	2.101,3
Piauí	353,6	705,1	787,2	542,8	1.029,4	1.064,3	739,5	1.386,3	1.488,8	1.820,3
Ceará	175,1	949,3	73,9	98,1	401,3	151,4	163,8	418,9	416,3	401,7
Rio Grande do Norte	9,2	49,4	2,6	4,7	20,5	7,5	7,7	10,2	19,3	39,2
Paraíba	6,3	97,0	4,2	26,3	35,4	20,3	20,1	38,6	84,7	86,8
Pernambuco	125,6	190,9	24,1	15,8	94,0	58,2	22,2	54,6	113,8	117,9
Alagoas	41,8	51,1	22,4	21,9	27,5	30,3	19,1	25,1	28,6	26,7
Sergipe	722,8	928,1	543,7	941,5	1.058,2	668,5	140,7	812,0	115,5	596,1
Bahia	2.277,1	2.277,4	2.174,3	1.899,3	3.182,3	2.773,4	1.447,9	1.983,7	2.294,8	1.515,7
CENTRO-OESTE	16.906,8	17.315,6	31.116,3	35.910,6	35.053,8	39.582,1	28.244,4	48.873,7	41.451,2	51.068,4
Mato Grosso	8.118,10	7.619,70	15.610,40	19.893,0	18.049,4	20.763,4	15.271,6	28.867,0	26.400,6	30.355,5
Mato Grosso do Sul	3.737,3	3.423,2	6.576,4	7.820,7	8.179,6	9.282,9	6.269,5	9.870,6	6.481,0	10.310,1
Goiás	4.796,0	6.009,8	8.575,9	7.696,1	7.999,1	8.993,9	6.430,5	9.644,2	8.111,7	9.874,1
SUDESTE	10.715,6	10.952,3	12.800,0	12.677,7	10.728,4	11.061,2	9.794,3	12.447,9	11.129,4	11.646,8
Minas Gerais	6.083,6	6.526,7	7.807,4	7.452,2	6.943,0	6.864,5	5.921,0	7.520,9	7.086,5	7.020,7
São Paulo	4.540,3	4.327,0	4.901,2	5.150,8	3.714,6	4.166,2	3.828,5	4.883,3	3.999,7	4.588,5
SUL	22.835,6	21.595,5	23.046,8	26.385,3	24.873,8	25.225,0	23.089,7	27.137,8	19.236,5	24.737,1
Paraná	13.443,3	12.247,7	16.757,1	17.642,4	15.671,8	15.862,9	14.484,9	17.837,8	11.857,7	16.094,7
Santa Catarina	3.798,4	3.571,5	2.947,0	3.359,4	3.485,0	3.189,1	2.712,1	3.263,2	2.551,0	2.874,3
Rio Grande do Sul	5.593,9	5.776,3	3.342,7	5.383,5	5.717,0	6.173,0	5.892,7	6.036,8	4.827,8	5.768,1
NORTE/NORDESTE	5.560,1	7.543,5	6.016,4	6.532,1	9.395,7	8.804,1	5.402,2	9.383,4	8.892,4	9.558,1
CENTRO/SUL	50.458,0	49.863,4	66.963,1	74.973,6	70.656,0	75.868,3	61.128,4	88.459,4	71.817,1	87.452,3
BRASIL	56.018,1	57.406,9	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,4	66.530,6	97.842,8	80.709,5	97.010,4

Fonte: CONAB (2019b).

Nota: (1) Previsão, em junho de 2019.

## Preços

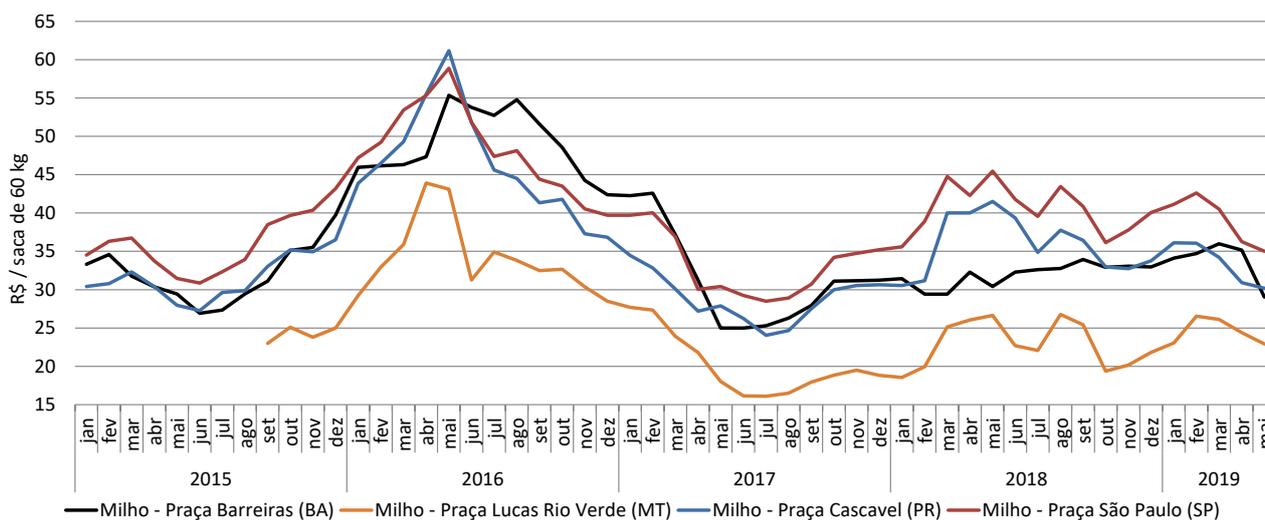
Como cerca de 70% da produção nacional de milho vai para o mercado interno, as cotações estão mais relacionadas com a demanda interna que com a externa, ainda que sejam influenciadas pelo ambiente internacional. O preço da soja, geralmente mais remunerador, também afeta o preço interno do milho.

Já os preços internacionais geralmente são puxados pela produção norte-americana, que é 36% da mundial, mas também podem ser influenciados por outros fatores, como a recente ocorrência da peste suína africana, na China, que dizimou pelo menos 35% do seu plantel suíno: isso aumentou as exportações de carne suína e de frango do Brasil, que levam milho em sua ração. Ao contrário do que ocorre com a soja, o conflito comercial com os Estados Unidos não afetou tanto o milho, já que os dois são os maiores produtores mundiais do cereal. O dólar, em

alta quase constante desde 2018, também ajuda nas exportações brasileiras. Esses são os fatores que sustentam os preços internacionais do milho brasileiro (AGROLINK NOTÍCIAS, 2019b).

O gráfico a seguir demonstra a trajetória dos preços internos da saca de 60 quilos do milho, em praças selecionadas. As tendências, sejam de preços ao produtor ou no atacado, são muito parecidas, com grande elevação, de junho de 2015 a junho de 2016, pela redução na produção, por causa da estiagem ocorrida no Mato Grosso e na região do Matopiba. No momento (junho de 2019), com a maior oferta pelo término da primeira safra, previsão de grande produtividade para a segunda e a pressão dos vendedores pela liberação de espaço nos armazéns, a tendência dos preços internos é de queda, mas pode haver reversão por conta da quebra da safra norte-americana, o que elevará a demanda de milho brasileiro para exportação, reduzindo a disponibilidade interna, e assim, aumentando os preços (CEPEA, 2019a; CONAB, 2019c).

**Gráfico 2 – Evolução dos preços do milho, em praças selecionadas, 2014-2018**



Fonte: CMA (2019).

## Tendências de mercado

Embora os preços não estejam nos patamares desejados pelos atores do mercado, as perspectivas de produção brasileira são boas: a previsão do USDA é até maior que a da CONAB, pois prevê uma produção de 100 milhões (contra 89,7 milhões de ton) para a safra atual (2018/2019), e ainda maior para 2019/2020 (101 milhões) (USDA, 2019b).

No mundo, o consumo de milho tem sido maior que a produção (1,09 bilhão de ton x 1,07 bilhão, respectivamente), reduzindo o estoque final de 339,3 milhões, em 2017/2018, para 325,9 milhões, na atual safra, a terceira redução na relação estoque/consumo desde 2014/2015, o que indica que, apesar da produção estar se elevando, o consumo tem aumentado em maior proporção. Mesmo com a peste suína dizimando o rebanho chinês, a previsão é que essa relação caia na próxima safra (2019/2020), para 314,7 milhões de toneladas (USDA, 2019b).

As áreas nordestinas de cerrado do Matopiba têm grande potencial de desenvolvimento da avicultura e da suinocultura, principalmente se houver continuidade das obras de infraestrutura previstas para o escoamento da produção. A migração dessas atividades pode gerar redução de custos via integração com a produção de milho, na proximidade dos cerrados.

## SOJA

### Caracterização

No Brasil, a soja começou a ser plantada experimentalmente na Bahia em 1882, mas o início do cultivo propriamente dito e distribuição de sementes aos produtores

paulistas ocorreram em 1901, na Estação Agropecuária de Campinas. A migração japonesa facilitou a disseminação, que chegou ao Rio Grande do Sul em 1914, e foi difundida para o restante do País na década de 1970, com a ampliação da indústria de óleo e a intensificação da pesquisa, principalmente pela Embrapa, puxadas pelo aumento da demanda internacional. Este órgão tem desenvolvido, desde esta época, novos cultivares adaptados às diferentes condições climáticas brasileiras. A ampliação dos plantios de soja no Brasil sempre esteve associada ao desenvolvimento rápido de tecnologias e pesquisas focadas no atendimento da demanda externa (APROSOJA, 2019).

## Cadeia produtiva

O Brasil é o maior exportador e o segundo maior produtor mundial de soja, perdendo apenas para os Estados Unidos. Outros importantes produtores mundiais são Argentina, China, Índia e Paraguai, nessa ordem, que, juntos aos dois maiores, devem produzir 333 milhões de toneladas (92%) na atual safra (2018/2019). A próxima safra tem previsão de produção de 355,6 milhões de ton, redução de 1,8% em relação à atual, 362 milhões (USDA, 2019c).

No período 2009/2010 a 2017/2018, as regiões sequeuem, em maior ou menor grau, a tendência de crescimento do Brasil, cujo incremento na produção foi de 73,7%. No período, todas as regiões tiveram aumento relativo de produção, sendo o menor no Sul (50,6%) e o maior no Norte (249%), enquanto o Nordeste, cuja produção é de um quinto da maior região, o Centro-Oeste, foi de 123% (CONAB, 2019b).

No Brasil, a última previsão de produção da safra atual (2018/2019) pela Conab é de 114,8 milhões de ton (**Tabela 3**), por enquanto, a segunda maior safra, -3,7% (ou -4,4 milhões de ton), numa área total de 35,8 milhões de ha (aumento de 1,9% ou 672,8 mil ha). Apesar da falta de chuva nos estágios iniciais de produção em algumas regiões importantes, o clima melhorou durante o crescimento das plantas, favorecendo o resultado. As previsões apontam decréscimo da produção na maioria dos estados e regiões, mas a safra anterior foi recorde e também se iniciou sem esta previsão, elevando-se ao longo do ano. O Centro-Oeste é a maior região produtora de soja do Brasil, com previsão de fechamento da safra em 52,6 milhões de ton (-2,4%), seguida do Sul, com previsão de 37,8 milhões (-2,1%). O Nordeste é a terceira região, com previsão de 10,5 milhões de ton (-11,3%) (CONAB, 2019a).

**Tabela 3 – Produção de soja no Brasil, por regiões e estados selecionados**

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (¹)
NORTE	1.691,7	1.977,2	2.172,2	2.661,5	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.904,2	5.786,5
NORDESTE	5.309,5	6.251,5	6.096,3	5.294,8	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.850,7	10.506,1
Maranhão	1.330,6	1.599,7	1.650,6	1.685,9	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	2.916,8
Piauí	868,4	1.144,3	1.263,1	916,9	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.538,6	2.322,1
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-	5,5	5,5
Bahia	3.110,5	3.507,5	3.182,6	2.692,0	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.333,2	5.261,7
CENTRO-OESTE	31.586,7	33.938,9	34.904,8	38.091,4	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.945,4	52.637,5
Mato Grosso	18.766,9	20.412,2	21.849,0	23.532,8	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	32.454,5
Mato Grosso do Sul	5.307,8	5.169,4	4.628,3	5.809,0	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	8.504,0
Goiás	7.342,6	8.181,6	8.251,5	8.562,9	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	11.437,4
SUDESTE	4.457,6	4.622,1	4.656,3	5.425,9	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.955,0	8.090,8
Minas Gerais	2.871,5	2.913,6	3.058,7	3.374,8	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	5.074,3
São Paulo	1.586,1	1.708,5	1.597,6	2.051,1	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.409,8	3.016,5
SUL	25.642,7	28.534,6	18.553,4	30.025,8	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	37.822,4
Paraná	14.078,7	15.424,1	10.941,9	15.912,4	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	16.252,7
Santa Catarina	1.345,2	1.489,2	1.084,9	1.578,5	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	2.382,6
Rio Grande do Sul	10.218,8	11.621,3	6.526,6	12.534,9	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	19.187,1
NORTE/NORDESTE	7.001,2	8.228,7	8.268,5	7.956,3	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.754,9	16.292,6
CENTRO/SUL	61.687,0	67.095,6	58.114,5	73.543,1	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.527,1	98.550,7
BRASIL	68.688,2	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.282,0	114.843,3

Fonte: CONAB (2019b).

Nota: Nota: (1) Previsão, em junho de 2019.

O maior produtor de soja do País é o Mato Grosso, com previsão de 32,4 milhões de toneladas (+0,5% em relação ao ano-safra anterior), seguido do Rio Grande do Sul (19,2 milhões, +11,9%), Paraná (16,3 milhões, -15,2%) e Goiás (11,4 milhões, -3,0%). A Bahia, maior produtor nordestino, com previsão de 5,2 milhões de ton, é o sexto produtor

nacional (-16,9% em relação a 2017/2018). Maranhão e Piauí são os outros estados produtores nordestinos, com produção ainda pouco representativa em relação aos maiores (2,9 milhões, -1,9% e 2,3 milhões de ton, -8,5%, respectivamente), aproximando-se de Santa Catarina (2,4 milhões), produtor de soja mais tradicional (CONAB,

2019a). As quedas nas previsões de produção nordestina se devem ao clima, que pode não ser tão favorável quanto na safra passada. Apesar da previsão de El Niño ainda para o início de 2019, a falta de chuva não afetou tanto a lavoura de soja no Nordeste quanto se imaginava.

Em Alagoas, a previsão de produção iguala a do ano passado (5,5 mil toneladas), sendo uma nova área de soja no Nordeste, no Sealba, região contígua de 5 milhões de ha que une o leste de Alagoas e Sergipe e o Nordeste Baiano, com potencialidade de produção, além de soja e milho, de cana-de-açúcar, feijão, mandioca e pecuária (HIRAKURI et al., 2016).

A área plantada com soja no País deve aumentar 1,9% para a próxima safra, de 35,15 milhões para 35,82 milhões de ha, acréscimo absoluto de 672,8 mil ha. Todas as regiões terão aumento de área que varia de 0,2% até 4,1%, sendo que o Centro-Oeste, a maior, deverá aumentar sua área de 15,6 milhões para 16,1 milhões de ha (+2,9%). O Nordeste deve ter incremento de área de 2,1%, de 3,26 para 3,33 milhões de ha de soja. Era esperado até um maior crescimento, já que a guerra comercial entre EUA e China abre espaço para uma maior exportação brasileira. Mas a rentabilidade dos agricultores de soja tem caído nos últimos anos e a abertura de novas áreas custa mais e gera menos produtividade que a de áreas já consolidadas (CONAB, 2019a).

A produtividade nacional de soja deve ficar em 3.206 kg/ha, redução de 5,5% em relação à última safra. A nordestina está prevista para 3.153 kg/ha., queda de 13% em relação à anterior (3.631 kg/ha.), em razão da redução da safra nos maiores estados produtores (CONAB, 2019a).

Os principais entraves na cadeia produtiva da soja continuam sendo os infraestruturais: a armazenagem, ainda deficitária, visto que a produção cresceu a uma taxa muito maior; as distâncias para o escoamento da produção e o estado precário de muitas estradas, já que o transporte ferroviário e

aquaviário são mínimos, onerando o frete; a ocorrência de veranicos durante a fase de crescimento da planta, comuns na Bahia e no Piauí, onde a instabilidade climática é maior.

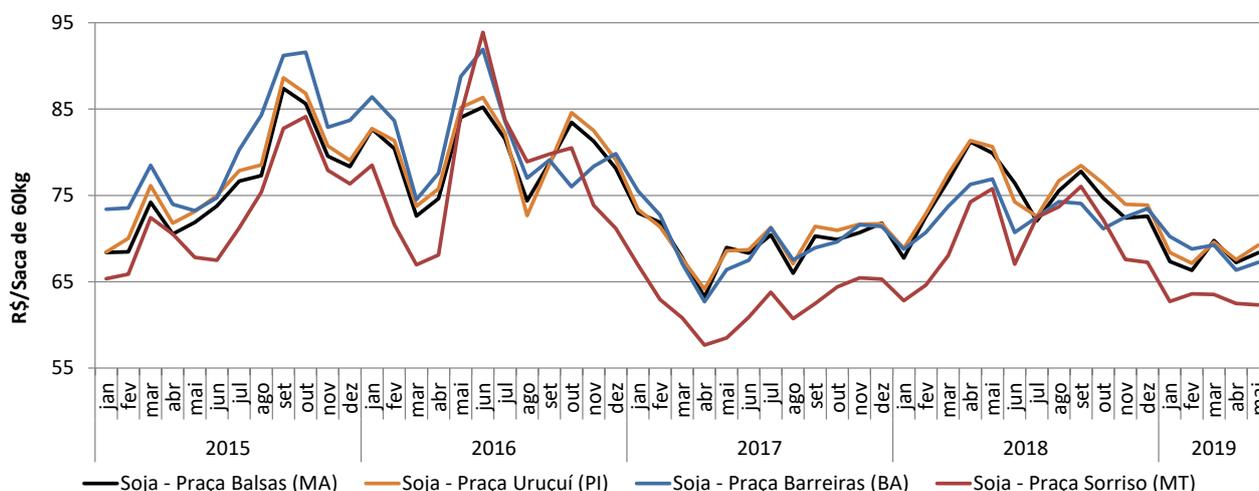
## Preços

Os preços mundiais da soja sofrem influência direta da produção de Estados Unidos, Brasil e Argentina e do expressivo consumo chinês; qualquer problema nesses três maiores produtores e exportadores mundiais, ou uma mudança na política agrícola/comercial da China ou dos grandes produtores refletem diretamente na Bolsa de Chicago, referência na formação de preços da soja, em nível mundial (**Gráfico 3**).

Os preços internos são influenciados diretamente por fretes, impostos, despesas administrativas e oscilações de safra, mas o que mais afeta os preços nacionais são os fatores externos (dado que normalmente 60% da produção é exportada), como variações do dólar e dos preços internacionais. O câmbio influencia nos contratos de negociação e também na importação de insumos, que ficam mais caros quando há uma desvalorização do real em relação ao dólar. O preço interno da soja é ainda afetado pelo preço do petróleo, origem do nitrogênio utilizado no fertilizante, geralmente importado; pela produção de soja dos Estados Unidos e pelo consumo da China.

A demanda mundial crescente, a tendência de valorização do dólar frente ao real, desde 2018, e a redução do estoque de passagem nacional fizeram com que os preços internos da soja continuassem em alta, apesar de uma breve redução entre junho e julho de 2018 (**Gráfico 3**). Atualmente (junho/2019), porém, os preços internos voltaram a se elevar, tanto pelo dólar como pelo excesso de chuvas nos Estados Unidos, que tem prejudicado o cultivo. Esse movimento atraiu parte dos vendedores e elevou a liquidez, principalmente para exportação, que só não foi maior por falta de cota nos portos (CEPEA, 2019b).

**Gráfico 3 – Evolução dos preços da soja em grão, em praças selecionadas, 2015-2019**



Fonte: CMA (2019).

No curto prazo, os preços externos podem sofrer oscilações, em razão: a) da alta do dólar em relação a outras moedas no mundo; b) da querela comercial entre EUA e China, que parece ainda longe de uma solução, apesar de algumas tréguas pontuais, aumentando a demanda por soja brasileira; c) da recuperação da lavoura argentina, que na safra passada sofreu bastante com o clima desfavorável; d) do excesso de chuvas nas regiões produtoras dos EUA, que atrasam o plantio; e) da ocorrência da peste suína africana, que dizimou parte do rebanho chinês, o que deve reduzir a demanda por soja em grão e derivados na China.

O Brasil continua com problemas infraestruturais para o eficiente escoamento de sua produção de grãos, notadamente soja, pois a baixa capacidade de estoque obriga os produtores a escoarem a produção imediatamente após a colheita, com longas filas nos portos e maiores riscos de não aproveitarem o melhor preço de venda dos grãos e terem que enfrentar valores de pico para o frete rodoviário (PÊRA *et al.*, 2016). Estes autores apontam ainda que o estoque sobre rodas, a armazenagem a céu aberto e a forte sazonalidade de preços no mercado de transporte são três dos gargalos oriundos da baixa capacidade estática para o armazenamento de grãos no Brasil, realidade que ficou mais exposta com a greve dos transportes rodoviários em todo o País, no final de maio de 2018, que pode voltar a ocorrer.

## Tendências de mercado

Foi lançada, durante a exposição *Bahia Farm Show*, de maio de 2019, o cultivar BRS 8980IPRO, adaptado aos estresses climáticos da região do Matopiba, fruto de uma década de pesquisas da Embrapa Cerrados. O novo cultivar alcança alta produtividade e é resistente às principais doenças da soja, bem como às lagartas *Elasmo* e *Helioverpa* (AGROLINK NOTÍCIAS, 2019c).

A soja transgênica representa 89% do que é plantado, com a tradicional tendendo a se tornar um nicho de mercado, já que poucas empresas ainda investem no seu melhoramento genético. Ao contrário, no exterior, o mercado busca produtos com soja tradicional ou orgânica, especialmente para a produção de leite e de alimentos para crianças e recém-nascidos, além da movimentação política para descrição e rotulagem de produtos com grãos geneticamente modificados.

A soja orgânica é outro nicho promissor no mercado brasileiro, tanto pelo investimento em pesquisa por parte da Embrapa, como pelo preço compensador que pode ser pago ao produtor, em algumas praças, podendo chegar ao dobro do equivalente transgênico. Outro incentivo ao mercado de soja orgânica é o fato de ser mais saudável, por ser livre de agrotóxicos, não contaminar o meio ambiente e ter certificação de origem, outra exigência co-

mun atualmente. Vale lembrar que ela ainda não é uma *commodity*, pois não segue as normas de comercialização da Bolsa de Chicago.

## Perspectivas

- Em relação ao ano-safra anterior, o comportamento das variáveis de milho e soja (produção, consumo doméstico e estoques finais) não mudou, e indicam crescimento. Os estoques internacionais de grãos, principalmente dos dois maiores produtores, China e Estados Unidos, ainda estão altos, o que pode reduzir a liquidez no mercado. Por outro lado, o excesso de chuvas nos Estados Unidos pode prejudicar a produção de grãos da próxima safra e contrabalançar esse fato, gerando variações nos preços internacionais.
- Ainda é recomendável cautela na definição dos preços pagos ao produtor, na elaboração dos projetos de crédito bancário, para não se comprometer a capacidade futura de pagamento. O cenário macroeconômico também reflete nos preços pagos ao produtor e na atual conjuntura. O câmbio, que vinha se elevando desde 2017, voltou a cair, depois da definição do cenário eleitoral, em outubro de 2018, mas eleva-se novamente, em função das indefinições na aprovação de reformas consideradas fundamentais pelo Governo, como a da previdência, o que pode elevar o custo dos insumos e reduzir as margens de lucro dos produtores.
- É importante uma política de armazenagem de grãos eficiente, tanto para os próprios agricultores, como para os produtores de suínos, aves e bovinos. A criação de linhas de crédito específicas para implantação e controle de armazenamento de grãos nas propriedades seria um passo fundamental para melhoria de receita dos produtores, evitando-se sazonalidades de oferta e de preços do milho e da soja.
- A questão da logística de transporte ainda é um problema a ser superado. A greve dos caminhoneiros em maio de 2018 deixou clara a dependência da sociedade brasileira do transporte rodoviário. O péssimo estado das rodovias, nas áreas produtoras do cerrado, dificulta o acesso aos portos e a questão do frete permanece sem solução, com os grupos ligados à indústria e à agropecuária reclamando dos valores propostos no tabelamento do frete e com eventuais ameaças de nova paralisação dos caminhoneiros.

## REFERÊNCIAS

ABIMILHO. O **cereal que enriquece a alimentação humana**. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/milho/cereal>. Acesso em: 20 jun. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Estatística, oferta e demanda**. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/estatisticas>. Acesso em 5 jun. 2019b.

AGROLINK NOTÍCIAS. **Pesquisa desenvolve hambúrguer de feijão fermentado**. Disponível em: [https://www.agrolink.com.br/noticias/pesquisa-desenvolve-hambur-guer-de-feijao-fermentado\\_412521.html?utm\\_source=agrolink-clipping&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=clipping\\_edicao\\_6277&utm\\_content=noticia](https://www.agrolink.com.br/noticias/pesquisa-desenvolve-hambur-guer-de-feijao-fermentado_412521.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6277&utm_content=noticia). Acesso em: 31 out. 2018.

AGROLINK NOTÍCIAS. **Cadeia produtiva rejeita feijão transgênico da Embrapa.** Disponível em: [https://www.agrolink.com.br/noticias/cadeia-produtiva-rejeita-feijao-transgenico-da-embrapa\\_417923.html?utm\\_source=agrolink-clipping&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=clipping\\_edicao\\_6387&utm\\_content=noticia&ib=y](https://www.agrolink.com.br/noticias/cadeia-produtiva-rejeita-feijao-transgenico-da-embrapa_417923.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6387&utm_content=noticia&ib=y). Acesso em: 31 mai. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Alta do milho sustentada pela carne e exportação.** Disponível em: [https://www.agrolink.com.br/noticias/alta-do-milho-sustentada-pela-carne-e-exportacao\\_419241.html?utm\\_source=agrolink-detalle-noticia&utm\\_medium=detalle-noticia&utm\\_campaign=noticias-relacionadas](https://www.agrolink.com.br/noticias/alta-do-milho-sustentada-pela-carne-e-exportacao_419241.html?utm_source=agrolink-detalle-noticia&utm_medium=detalle-noticia&utm_campaign=noticias-relacionadas). Acesso em: 16 mai. 2019b.

\_\_\_\_\_. **Embrapa lançará nova variedade de soja para a região do Matopiba no Bahia Farm Show.** Disponível em: [https://www.agrolink.com.br/noticias/embrapa-lancara-nova-variedade-de-soja-para-a-regiao-do-matopiba-no-bahia-farm-show\\_419575.html?utm\\_source=agrolink-detalle-noticia&utm\\_medium=detalle-noticia&utm\\_campaign=noticias-relacionadas](https://www.agrolink.com.br/noticias/embrapa-lancara-nova-variedade-de-soja-para-a-regiao-do-matopiba-no-bahia-farm-show_419575.html?utm_source=agrolink-detalle-noticia&utm_medium=detalle-noticia&utm_campaign=noticias-relacionadas). Acesso em: 27 mai. 2019c.

APROSOJA. **A história da soja.** Disponível em: <http://aprosojabrasil.com.br/2014/sobre-a-soja/a-historia-da-soja/>. Acesso em: 06 mai. 2019.

CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS DE ECONOMIA APLICADA. **Agromensal Milho:** maio de 2019. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0932926001559743175.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Agromensal Soja:** maio de 2019. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0389952001559743426.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2018b.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Perspectivas para a agropecuária.** Vol. 5, safra 2017/2018, Produtos de Verão. Brasília: 2017. Disponível em: [https://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17\\_09\\_06\\_09\\_30\\_08\\_perspectivas\\_da\\_agropecuaria\\_bx.pdf](https://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_09_06_09_30_08_perspectivas_da_agropecuaria_bx.pdf). Acesso em: 22 nov. 2017.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. 9º. **Levantamento da safra brasileira de grãos 2018/2019.** Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos>. Acesso em: 11 jun. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Séries históricas.** Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/serie-historica-das-safra?start=20>. Acesso em: 11 jun. 2019b.

\_\_\_\_\_. **Feijão.** Análise mensal, abril de 2019. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-feijao>. Acesso em: 31 mai. 2019c

\_\_\_\_\_. **Milho.** Análise mensal, abril de 2019. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado#an%EF%BF%BDlise-mensal>. Acesso em: 31 mai. 2019c.

CMA - CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S.A. **Trading Anal. Information.** São Paulo: CMA, 2019.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Notícias.** Biscoito de feijão-caupi é mais nutritivo e não contém glúten. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/35752476/biscoito-de-feijao-caupi-e-mais-nutritivo-e-nao-contem-gluten>. Acesso em: 25 out. 2018a.

\_\_\_\_\_. **Conheça os cultivares de feijão da Embrapa na Expodireto Cotrijal 2018.** Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32284332/conheca-os-cultivares-de-feijao-da-embrapa-na-expodireto-cotrijal-2018>. Acesso em: 02 mar. 2018b.

FAOSTAT. **Crops.** Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>. Acesso em: 08 mai. 2019.

HIRAKURI, M. H.; BALBINOT JR., A. A.; PROCÓPIO, S. O.; CASTRO, C. **Perspectiva geral para a introdução da soja nos sistemas de produção agrícola na Região do SEALBA.** Embrapa Soja, Londrina-PR, 2016. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/150922/1/Doc-377.pdf>. Acesso em: 06 out. 2018.

IBRAFE - INSTITUTO BRASILEIRO DO FEIJÃO. **Revista IBRAFE.** Ano 2, Edição 2, junho de 2018. Curitiba (PR). Disponível em: [http://www.ibrafe.org/wp-content/uploads/2018/09/IBRAFE\\_REVISTA\\_ED2\\_VF\\_digital.pdf](http://www.ibrafe.org/wp-content/uploads/2018/09/IBRAFE_REVISTA_ED2_VF_digital.pdf). Acesso em: 26 out. 2018a.

\_\_\_\_\_. **Bom futuro para o feijão do Brasil.** Disponível em: <http://www.ibrafe.org/artigo/bom-futuro-para-o-feijao-do-brasil/>. Acesso em: 26 out. 2018b.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário.** Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=263&z=p&o=2&i=P>. Acesso em: 6 out. 2018.

PÊRA, T. G.; ROCHA, F. V.; CAIXETA FILHO, J. V. C. **Gestão da armazenagem. Agroanalysis.** São Paulo, v. 36, n. 9, p. 26-27, 2016.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Production, Supply and Distribution (PSD) on line.** Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: 23 mai. 2019a.

\_\_\_\_\_. **Grain: World Markets and Trade.** Maio, 2019. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulares/grain.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019b.

\_\_\_\_\_. **Oilseeds: World Markets and Trade.** Maio, 2019. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulares/oilseeds.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2019c.

## ANÁLISES DE 2018 DISPONÍVEIS

- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Produtos Apícolas - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Sucos - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Fibras e Têxteis - 04/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Frutas, Nozes e Castanhas - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Produtos Florestal - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE: Grãos - 03/2019
- Comércio Exterior do Agronegócio NE - 03/2019
- Shopping Centers - 02/2019
- Energia Eólica - 02/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Setor Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: energia elétrica - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: saneamento - 01/2019
- Panorama da infraestrutura no NE: transportes - 01/2019
- Produção de coco - 12/2018
- Produção de algodão - 12/2018
- Rochas Ornamentais - 12/2018
- Energia solar fotovoltaica - 12/2018
- Turismo - 12/2018
- Setor de Serviços - 12/2018
- Cajucultura - 11/2018
- Bovinocultura leiteira: genética e economia - 11/2018
- Grãos: feijão, milho e soja - 11/2018
- Pescados - 11/2018
- Construção Civil - 11/2018
- Comércio 2018/2019 - 11/2018
- Setor hoteleiro no Brasil - 11/2018
- Café - 10/2018
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira: cruzamentos - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Móveis - 06/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Alimentos - 03/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

## ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

## CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

## ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Título	Previsão
Panorama da agropecuária no Nordeste	fevereiro-19
Telecomunicações	fevereiro-19
Petróleo e gás natural	março-19
Micro e pequenas empresas	abril-19
Móveis	abril-19
Microgeração de energia	abril-19
Bovinocultura leiteira	abril-19
Tecnologia da informação	abril-19
Commodities agrícolas nordestinas	maio-19
Energia solar	maio-19
Hortaliças: batata e tomate	maio-19
Locação de imóveis	maio-19
Saúde	junho-19
Carnes	junho-19
Comércio eletrônico	julho-19
Floricultura	julho-19
Couros e calçados	julho-19
Indústria de bebidas não alcoólicas	julho-19
Emprego e renda agrícolas	julho-19
Indústria da construção civil	agosto-19
Setor têxtil	agosto-19
Cafeicultura	agosto-19
Fruticultura	agosto-19
Indústria siderúrgica	agosto-19
Produção de mandioca – raiz, farinha e fécula	setembro-19
Rochas ornamentais	setembro-19
Vestuário	setembro-19
Indústria petroquímica	outubro-19
Cajucultura nordestina	outubro-19
Citricultura	outubro-19
Hotéis	outubro-19
Grãos: feijão, milho e soja	outubro-19
Comércio	outubro-19
Energia térmica	outubro-19
Aquicultura e pesca	novembro-19
Cocoicultura nordestina	novembro-19
Silvicultura	novembro-19
Turismo	novembro-19
Serviços	novembro-19
Algodão	dezembro-19